

**O PROTAGONISMO FEMININO ULTRARROMÂNTICO:
PERSPECTIVAS DA OBRA “A MORENINHA”,
DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO**

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (UFT e IFTO)

paulohg@ifto.edu.br

Francisco Edviges Albuquerque (UFT)

fedviges@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo fundamenta-se na análise do texto da literatura de segunda geração romântica brasileira. Objetivou-se discutir, sob a ótica ultrarromântica, acerca da personagem Carolina, protagonista da obra “A Moreninha”, do escritor Joaquim Manuel de Macedo. A metodologia foi respaldada na pesquisa bibliográfica com base na teoria literária, bem como na compreensão desse movimento, e ainda na análise do discurso e da imagem presente na capa da obra. Dentre os resultados alcançados, tem-se a relevância que a literatura exerce no entendimento dos papéis sociais femininos, a partir do século XIX, sendo neste caso, uma mulher idealizada, protagonista e adequada para o casamento na burguesia carioca.

Palavras-chave:

Casamento. Idealização. Mulher. Ultrarromantismo.

ABSTRACT

This article is based on the analysis of the text of the second generation Brazilian romantic literature. The objective was to discuss, from an ultra-romantic perspective, about the character Carolina, protagonist of the work “A Moreninha”, by the writer Joaquim Manuel de Macedo. The methodology was supported by bibliographic research based on literary theory, as well as on the understanding of this movement, as well as on the analysis of the discourse and image present on the cover of the work. Among the results achieved, there is the relevance that literature has in the understanding of female social roles, from the nineteenth century, in this case, an idealized woman, protagonist and suitable for marriage in the carioca bourgeoisie.

Keywords:

Idealization. Marriage. Ultrarromantism. Woman.

1. Considerações iniciais

A segunda geração do Romantismo brasileiro é considerada ultrarromântica. Tem-se uma literatura bastante influenciada por autores europeus como Goethe e Byron, que produziram obras com certo tom pessimista e depressivo. O exagero sentimental, o morrer de amor e o de-

lírio são marcas presentes nos livros ultrarromânticos (FERREIRA, 2012).

Nesta perspectiva, em se tratando de uma arte – a literatura – o contexto histórico do Romantismo de segunda geração compreende um momento que compõe o processo de ascensão da burguesia como classe dominante na sociedade, em que uma parcela significativa da juventude do século XIX encantou-se com a literatura ultrarromântica (COUTINHO, 2004).

Com base em uma visão Bakhtiniana, valem as considerações sobre as estratégias ideológicas da narrativa, que se revestem também à obra analisada:

[...] Por sua vez, similarmente, nos argumentos de Bakhtin (1993), o sujeito elaborador de um discurso é um idealista, cujas palavras configuram-se como ideias e concepções com base no seu pensar e refletir, e por isso, transfigura um ponto de vista sobre o mundo, no qual o sujeito demonstra uma significação social, seja às suas atitudes ou aos seus pensamentos. (SILVA; ALBUQUERQUE, 2018, p. 335)

Por conseguinte, o presente artigo se justificou na análise da personagem Carolina da obra “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, em que o foco está em sua condição de heroína ultrarromântica. A idealização da personagem evidencia a predominância de uma mulher engendrada à luz dos ideais sentimentais e de conivência ao casamento. Carolina é associada à mulher bela e prendada para ser a esposa, pois se coaduna ao enaltecimento amoroso e à projeção de uma família perfeita.

2. A segunda geração romântica brasileira: contextos e características

Em meio ao século XIX, entre tantos fatos históricos como a independência do Brasil, encaixa-se a segunda geração romântica ou o ultrarromantismo, em que se sustentam o mal do século, o tédio, a idealização da mulher amada, o subjetivismo extremado, o sarcasmo, a ironia, a busca pela morte, os tons sombrios e o *carpem diem*. O que se pode resumir em apenas duas características acima mencionadas: o sentimentalismo exacerbado e o subjetivismo (GASPAROTTO; BOZIO, 2013).

Contextualizando a segunda geração, observa-se que o voltar para si mesmo do poeta desta fase permite a produção do devaneio, do erotis-

mo obsessivo, da melancolia, do ambiente sombrio, do tédio, da exaltação da mulher amada e da morte (CANDIDO, 1984).

Para Gasparotto e Bozio (2013), este afastamento do mundo objetivo permite ao poeta se “libertar” dos grilhões impostos pela sociedade e superar as dificuldades impostas pela mesma. No entanto, devido a este mergulho no mundo interior, a essa fuga perpetrada pelo poeta, ele acaba por se desligar da vida, levando-o à exaltação de um passado, ao egocentrismo, tédio constante, morbidez, sofrimento, pessimismo, negativismo, satanismo, masoquismo, cinismo, autodestruição, fuga da realidade para o mundo dos sonhos, da fantasia e da imaginação, esse comportamento acaba por levar também para o escapismo na morte, não somente no elemento literário, como na própria vida do escritor, que acabava por buscar viver da forma como expressava em suas produções (ainda que em descompasso com o elemento social).

Aos sentimentos exagerados do romantismo, tem-se as seguintes considerações:

Quando se fala em romantismo, rapidamente se faz associação com algo sentimentalmente bom, alegre, capaz de emocionar tanto aquele que é objeto da mensagem quanto quem apenas a ouve. No entanto, quando se trata de Romantismo, não a qualidade da pessoa que é romântica, mas a escola literária ocorrida no início do século XIX, mais precisamente a segunda geração, percebemos que a essa felicidade passar ao largo. O sentimento de felicidade dá lugar à melancolia, à solidão, ao pessimismo, ao desejo de morrer e isso não ficou reservado a apenas um autor. Tal condição foi tão significativa que marcação uma geração inteira, tanto na prosa quando no verso e a ela se deu o nome de Geração Ultrarromântica ou Mal do Século. (ARAÚJO, 2016, p. 1)

O mundo pelo Romantismo, segundo Guimarães (2016), é percebido como clarões no meio da noite, onde o claro-oscuro romântico privilegia o nebuloso – o amanhecer, o entardecer, limiares entre a segurança do dia e a incerteza da noite. Nesses limiares, em que a certeza se esvai, os contornos dos objetos se perdem, a ambiguidade ganha espaço, através do incerto, do contraditório e da ambivalência.

Esclareça que a atração pelo lado noturno ou subterrâneo da vida subordina-se ao desejo de ampliação da consciência. Os românticos da segunda geração, especialmente, haviam estado na escola da sensibilidade, da filosofia da reflexão e do culto do “eu”. Por causa disso, tudo se tornou mais uma experiência, pois essa subjetivação tinha de ter consequências, porque não havia nenhum objeto em torno, a não ser o apavorante (GUIMARÃES, 2016).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O contexto do Rio de Janeiro é categórico à segunda geração romântica. Nota-se que enquanto o romance urbano ia abandonando a apresentação trivial dos costumes cortesãos e se aprofundando no psicologismo e na subjetividade do eu (mais próximo dos poemas ultrarromânticos), o romance de formação nacional do indianismo ia cedendo espaço à apresentação da variedade populacional brasileira em sua imensidão geográfica (SANTOS, 2018).

Vale evidenciar ainda conforme Santos (2018) que as duas vertentes retratavam e criticavam a sociedade nacional, muitas vezes sob uma visão centralizada na corte. Isso, porém, não era algo necessariamente problemático para esses escritores. Mesmo que a vida literária já fosse pulsante em diversas províncias, especialmente em suas capitais, em algum momento o magnetismo da Corte falava mais alto. Mesmo as elites letradas das outras regiões eram em grande parte formadas pelo mesmo rescaldo cultural que formava a Corte, e essa união, pendendo claro para o Rio de Janeiro, formava a “opinião pública” nacional.

Outro aspecto contextualizado na segunda geração diz respeito às características do mal do século que estão presentes entre os sentimentos dos personagens, que normalmente são de melancolia, ódio, rancor ou medo (BOSI, 1994). Há também na mulher amada traços sombrios, palidez, transparência e sensualidade. O amante é geralmente pobre, insatisfeito, louco, ébrio, arrogante e, sobretudo, deprimido (COSTIM; NOVICHADLEY, 2015).

Para Costim e Novichadley (2015), a atmosfera possui elementos como a lua, o céu estrelado, a praia, o mar, o lamento ou a perambulação, e no tocante à descrição da personagem feminina, o eu-lírico/protagonista tem o desejo de amar e o anseio de ter uma mulher idealmente amada, como se observa na obra "A Moreninha" de Joaquim Manuel de Macedo.

3. *Uma breve biografia do escritor Joaquim Manuel de Macedo*

De acordo com a Academia Brasileira de Letras, Joaquim Manuel de Macedo, jornalista, professor, romancista, poeta, teatrólogo e memorialista, nasceu em Itaboraí-RJ, em 24 de junho de 1820, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de abril de 1882. É o patrono da cadeira nº 20, por escolha do fundador Salvador de Mendonça (ABL, 2019).

Sobre sua vida e carreira apresentam-se as seguintes considerações:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Era filho do casal Severino de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição. Formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, clinicou algum tempo no interior da Província. No mesmo ano da formatura (1844), publicou *A Moreninha*, que lhe deu fama instantânea e constituiu uma pequena revolução literária, inaugurando a voga do romance nacional. Alguns estudiosos consideram que a heroína do livro é uma clara transposição da sua namorada, e futura mulher, Maria Catarina de Abreu Sodré, prima-irmã de Álvares de Azevedo. Em 1849, fundou com Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias a revista *Guanabara*, onde apareceu grande parte do seu poema-romance "A Nebulosa", que alguns críticos consideram um dos melhores do Romantismo. Voltou ao Rio, abandonou a Medicina e foi professor de História e Geografia do Brasil no Colégio Pedro II. Era muito ligado à Família Imperial, tendo sido professor dos filhos da princesa Isabel. Militou no Partido Liberal, servindo-o com lealdade e firmeza de princípios, como o provam seus discursos parlamentares. Foi deputado provincial (1850, 1853, 1854-59) e deputado geral (1864-68 e 1873-81). Membro muito ativo do Instituto Histórico (desde 1845) e do Conselho Diretor da Instrução Pública da Corte (1866). Nos últimos anos, sofreu de decadência das faculdades mentais, falecendo antes de completar 62 anos. (ABL, 2019, p.1)

Karam (2006), estabelece que foi ativa e fecunda a sua carreira intelectual nas várias atividades que exerceu. Ele é um dos fundadores do romance brasileiro, sendo considerado em vida uma das maiores figuras da literatura contemporânea e, até o êxito de José de Alencar, o seu principal romancista. O memorialista ainda é lido com interesse nas “Memórias da Rua do Ouvidor” e “Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro”.

De acordo Bernd (1992), foi no romance, entretanto, que Macedo conseguiu perdurar. Suas histórias evocam aspectos da vida carioca na segunda metade do século XIX, com simplicidade de estilo, senso de observação dos costumes e da vida familiar.

Publicada em 1844, “*A Moreninha*” é a primeira e mais conhecida obra de Joaquim Manuel de Macedo e proporcionou a seu autor fama imediata, inaugurando o chamado romance urbano em nosso país. Sendo a primeira obra da literatura brasileira a obter sucesso de público, agradando também à crítica da época, permanece na cultura brasileira devido às adaptações para o cinema, teatro, televisão e quadrinhos. No século atual, ainda é reeditada com relativo sucesso e é obra sempre presente nas salas de aula, fazendo parte do currículo escolar (DIAS, 2012).

Evidencia-se segundo Dias (2012), que o romance foi escrito após a oficialização da independência política brasileira, ocorrida em 1822, período em que crescia no país o desejo de independência também em relação à literatura portuguesa, para que o Brasil pudesse se afirmar como

nação. Época, portanto, de crescente sentimento nacionalista em que era bem forte o interesse em exaltar nossa cultura, nossas belezas naturais, ou seja, desejava-se construir uma identidade própria para o país recém-liberto.

Macedo compreendia que o surgimento desse sentimento nacionalista foi importante, pois até então os enredos e cenários das narrativas que circulavam por aqui, em sua maioria, não nos diziam respeito (SIQUEIRA, 2013).

Sobre a escrita de Macedo e as nuances da obra analisada, Amora (1973, p. 200) enfatiza que para os primeiros leitores, deve este ter resultado do frequente jogo de contrastes, entre o sentimental e o humorístico, o que não possibilitava ao leitor fixar-se em determinada predisposição de leitura; e ainda na variedade desordenada de seus elementos: a intriga amorosa, as observações sobre “cousas da moda” e sobre tipos humanos; a crítica social e política; uma lenda indígena; descrições de ambientes e reflexões sobre o amor, a vida da Corte e da província, e as fraquezas humanas.

4. A obra “A Moreninha”: uma análise de perspectivas ultrarromânticas da protagonista

A Moreninha é o principal romance da fase introdutória do Romantismo brasileiro e até hoje é um dos mais conhecidos representantes da nossa prosa romântica. Seu enredo é centrado na história de amor entre Augusto e Carolina e registra os costumes da sociedade carioca oitocentista (DIAS, 2012).

Temas como conflito amoroso marcaram esses momento literário, baseando-se nas perspectivas ultrarromânticas e mal do século, e por isso, esse sentimento de amor e sofrimento é comum em várias obras do Romantismo, como no caso dessa obra de Macedo.

Macedo descreve Carolina como uma “beldade” em seus quinze anos, sendo detalhada como uma menina travessa, alegre, sagaz, romântica sem grandes preocupações, alheia a sociedade a sua volta. E por isso, conforme Moraes (2004), a beleza da jovem, que encanta a todos os rapazes galanteadores da sociedade carioca e em seu passeio pela Ilha de Paquetá, é evidenciada a partir da capa do livro, configurando-se como instrumento memorável na formação do leitor, consoante ao que se observa na figura 1.

Figura 1: Obra “A Moreninha”.



Fonte: Ática, 2019.

A capa do livro *A Moreninha*, constante da figura 1, traz características do amor vivido por Carolina e Augusto. Esclareça-se que essa narrativa de enredo e estrutura simples foi considerada pela crítica uma obra ingênua, face ao conflito amoroso composto com muita simplicidade entre os protagonistas, cuja solução sempre esteve muito próxima dos dois.

Dentro dos moldes românticos, a trama retratava a vida cotidiana da burguesia em meados no século XIX e evidenciava as discussões sobre o amor e os casamentos arranjados naquela época. Mas, como em boa parte das obras românticas, sempre havia um final feliz por parte dos protagonistas, os quais se apaixonam na infância e depois se reencontram e tem um digno de uma trama romântica (FERREIRA, 2012).

Nas especificidades de gênero, Carolina, a protagonista da obra, simboliza a heroína perfeita (a figura feminina idealizada), que é amada por Augusto (MACEDO, 2001). Logo, o conflito no amor do casal é a promessa infantil de que não trairiam um ao outro, de certa forma, bem subjetivo e pouco conflituoso. A importância desse tipo de narrativa à sociedade era notável, pois naquela época, a literatura e leitura, serviriam como um manual de bons costumes, ou seja, esta arte retrataria o que seria um ideal de sociedade e famílias exemplares (OLIVEIRA, 2008).

A respeito do protagonismo feminino ultrarromântico atribuído a Carolina observa-se:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A protagonista feminina de *A Moreninha* nada mais é do que uma personagem – tipo que representa todas as moças burguesas que assumiam um papel “romântico” a fim de conquistar um dos rapazes para ser seu marido. Macedo a constrói de maneira que fique distante dos problemas da sociedade e da hipocrisia que a rodeava. (BOSCOLLO, 2008, p. 73)

Com limiar de criticidade, Moraes (2004) afirma que a obra aqui analisada retrata esse ambiente da corte, mas é um romance romântico que tem como objetivo fazer, como de resto toda a literatura romântica, uma interpretação da realidade brasileira, e simultaneamente, uma proposta de modernização do país, eliminado-se, no imaginário social, o seu passado colonial e dependente da cultura portuguesa. Assim, vale compreender o seguinte pressuposto:

O romance *A moreninha* traz o tema da fidelidade a um amor infantil que surge a partir de um encontro entre duas crianças, Augusto e Carolina, relacionado a um melodrama vulgar, ao episódio da morte de um velho de 50 anos, com um desfecho feliz para o par amoroso. No entanto, todos esses temas são passíveis de crítica dentro da obra [...] Um narrador romântico, como tentaremos demonstrar. O romance se abre com uma cena: três jovens conversam no quarto de uma república de estudantes; eles fazem uma aposta para testar a inconstância do amor do personagem Augusto. Caso ame a uma só mulher durante 15 dias, entre 20 de julho e 20 de agosto, ele terá de escrever um romance (SIQUEIRA, 2013, p. 197).

Moraes (2004) define e caracteriza a obra “*A Moreninha*” como sendo uma história contada por um narrador onisciente externo aos acontecimentos. O livro dividido em 24 capítulos, cujos episódios acontecem durante um mês. Nota-se a minuciosidade do narrador na indicação do tempo, mostrando a evolução dos sentimentos e as transformações pelas quais os personagens passam. E por isso, após de várias peripécias, cenas cômicas e lances de desencontro, Augusto se apaixona perdidamente pela *Moreninha*. A história é muito simples, mas o enredo é muito complicado. O capítulos, por meio de detalhismos, vão examinando elementos essenciais, estruturais, da sociedade brasileira do século XIX.

É o próprio Moraes (2004) quem enfatiza que a escolha do tema do amor não se explica pelo fato de o romance ser dirigido ao público feminino, nem porque o sexo seja motivo literário caro aos romancistas. Para ele, esses conflitos sentimentais traduzem na sua forma uma

“infraestrutura” de divisão da propriedade, que é fundamentada na posição da mulher, e por isso:

Os temas ligados ao namoro, à coqueteria, à arte da sedução revelam mecanismos essenciais da moral burguesa, apoiada na necessidade de adquirir, guardar e ampliar propriedade. As mulheres agem segundo estas convenções porque percebem que, sendo o casamento a sua carreira, o amor é a técnica de obtê-lo do melhor modo (MORAES, 2004, p.93).

A partir da análise da obra, observa-se que tanto Carolina é uma personagem forte, que mesmo com seu conflito melancólico, atua de forma a concretizar seu objetivo de conquistar o ser amado, o que vem a refletir características psicológicas e físicas da heroína romântica e da mulher burguesa do século XIX.

5. Considerações finais

A consecução deste artigo evidenciou que o Romantismo ajudou no desenvolvimento de uma linguagem própria e abordou novas temáticas na literatura. Influenciou na liberdade de criação e privilegiou a emoção. As obras passaram a valorizar o individualismo, o sofrimento amoroso, a natureza, os temas nacionais, as questões político-sociais e o passado.

Com base em Cândido (1984), concluiu-se que a segunda geração romântica desenvolveu um gosto pela melancolia e pela morbidez. E isso se deve principalmente pelo mal estar do poeta no mundo. Esse sentimento de mal estar já era visto na estética romântica como um todo, mas no ultrarromantismo foi superlativada, exagerada e destacada.

Apreendeu-se, conclusivamente, que a narrativa aqui analisada foi um verdadeiro achado para a população carioca da época, pois a melancolia textual refletia ao mesmo tempo a agonia de um amor ou do ser querido, bem como o prazer pela vida burguesa.

Outro aspecto que se arrematou diz respeito à identificação das qualidades da protagonista Carolina, inclusive pelo seu caráter. Ela era admirada pelos dotes de solidariedade e de inteligência. A conquista de Augusto se deu por ser uma mulher com vivacidade, perspicácia, originalidade e bondade; não somente pela beleza física. Vale o destaque, que

ocorreram passagens em que o narrador mostra o seu treinamento e protagonismo para ser uma boa esposa e mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABL. Academia Brasileira de Letras (2019). *Biografia de Joaquim Manuel de Macedo*. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-manuel-de-macedo/biografia>, acesso em 06nov2019.

AMORA, A. S. *A literatura brasileira – O romantismo (1833–1838/1878–1881)*. V. II, 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

ARAÚJO, M. M. O Ultrarromantismo de Álvares de Azevedo e Soares de Passos. In: *Anais 2016: 18ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes*. “A prática interdisciplinar alimentado a Ciência”. ISSN: 1807-2518, Aracaju, 24 a 28 de outubro de 2016.

ÁTICA. Editora Ática S.A. *Literatura clássica*. Disponível em <https://www.estantevirtual.com.br/editora/atica> Acesso em 01set2019.

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BOSCOLLO, C. B. *A Moreninha e Senhora: dois perfis de mulheres na literatura romântica*. 2018. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fi-leadmin>. Acesso em: 03nov2019 (2018).

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. 2º volume. 7. ed. São Paulo: Editora Itatiaia, 1984.

COSTIM, C.A; NOVOCHADLEY, S. *A dualidade da personalidade feminina na poesia de Álvares de Azevedo*. Trabalho de conclusão de curso na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Departamento Acadêmico de Letras. 58p. 2015.

COUTINHO, A. *Era romântica*. V. 3, parte II / Estilos de época. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

DIAS, R. A. O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de A moreninha. In: *Cadernos do IL*, V. 45, p. 19-38, 2012.

FERREIRA, J. F. V. Romantismo: A formação da literatura brasileira.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

In: *Revista Vozes do Vale*: Publicações acadêmicas, 2012.

GASPAROTTO, B. A.; BOZIO, J. F. C. A morte do imaginário de um poeta do ultrarromantismo: uma leitura da obra poética de Álvares de Azevedo. In: *Travessias* (UNIOESTE. *On-line*), v. 7, p. 325-349, 2013.

GUIMARÃES, A. R. G. P. Os elementos ultrarromânticos em Soares de Passos e em Álvares de Azevedo. In: *Linguagens & Letramentos*, V. 1, p. 1-19, 2016.

KARAM, B. *A escrita de uma tradição: Macedinho ou Macedo?*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2006. 126f.

MACEDO, J.M. de. *A Moreninha*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORAES, D.Z. A tagarelice de Macedo e o ensino de História do Brasil. In: *História* (UNESP. Impresso), São Paulo, v.23, p. 85-107, 2004.

OLIVEIRA, S. *Romantismo na literatura brasileira*. Curitiba: IESDE, 2008.

SANTOS, R. R. A criação do Brasil através do romantismo. In: *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*. Universidade Estadual de Goiás. v. 7, p. 88-98, 2018.

SILVA, P. H. G.; ALBUQUERQUE, F. E. A perspectiva dos sentimentos de inferioridade e inveja: uma análise da literatura contemporânea no conto “Dois velhinhos”, de Dalton Trevisan. In: *Revista Philologus*, V. 72, p. 333-43. 2018.

SIQUEIRA, J. S. Travessuras de um narrador romântico. In: *Revista O eixo e a roda* (UFMG), V. 22, p. 191-206, 2013.